



TATIANA BITTAR

BRASILININHOS:

UM GRANDE SERTÃO E AS INFÂNCIAS

© do texto; Tatiana Bittar

Espaço de acolhimento: A Casa Tombada / Faccon

Projeto gráfico e diagramação: Itamar Dantas

Coordenação do curso e dos percursos: Adriana Friedmann e Josca Baroukh

Orientação: Gabriela Romeu

Todas as fotos são do arquivo pessoal da autora e foram autorizadas para uso na pesquisa.

1a edição • São Paulo • 2021

Texto em conformidade com as novas normas da ortografia.

BITTAR, Tatiana. *Brasilinhos : Um Grande Sertão e as Infâncias*. São Paulo, 2021.

Trabalho realizado sob a orientação da jornalista Gabriela Romeu, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis.

TATIANA BITTAR
BRASILININHOS:
UM GRANDE SERTÃO E AS INFÂNCIAS

Este livro é dedicado à grande educadora **Sonia Bittar**,
que tenho a honra de chamar de Mãe.



agradecimentos

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.¹

Obrigada, **Gabriela Romeu**, pela potência, sensibilidade e generosidade. Minha bússola orientadora que me guia, através de seus fazeres e vivências pelos chãos do Brasil, a encontrar caminhos possíveis pra seguir encantada, curiando e aprendendo os saberes dos lugares.

Obrigada, **Adriana Friedmann** e **Josca Baroukh** pelo trabalho inspirador de cada uma de vocês e por abrir tantas janelas, através d**A Casa Tombada**, nos mostrando as infâncias em suas múltiplas possibilidades, somando forças para transformar os espaços e formando aliadxs para a construção de um mundo mais igualitário.

Obrigada, **meus grandes amigxs** e **minha família**. O apoio, a compreensão, o incentivo e a vivência com cada um de vocês me fortalece e me encoraja todos os dias. Temos sorte de nos encontrar e nos escolher diariamente. Juntxs, somos melhores.

Obrigada a todxs que conheci pelo caminho dessa Travessia de Sertões em especial para **Brasinha, Ronaldo Alves, Fábio Barbosa, Dôra Guimarães, Dona Rosa, Maria Cecília, Fátima Coelho, Dieter Heidemann, Zé Antônio** e **Selma Maria**. Nossas trocas floriram Rosas em uma Primavera infinita e transformadora. Viva vocês!

Obrigada ao companheiro **Itamar Dantas**, navegador em busca de paisagens, que embarcou nessa canoa levando o melhor de si e empresta seu olhar, seu talento e sua sensibilidade em cada parte desse projeto. Que a linda parceria que fizemos siga aventureira e corajosa - nos salvando da conformidade, ampliando os horizontes e celebrando os nossos corações imensos. Nossa vida traduzida em nossas artes! Que ecoe!

Tatiana Bittar

¹ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.



Sumário

<u>Capítulo para Acordar Gente Grande</u>	<u>08</u>
<u>Capítulo de cá e de lá, que tudo é sertão</u>	<u>20</u>
<u>Capítulo da Travessia pra virar Miguilim</u>	<u>30</u>
<u>Capítulo da “Aldaz” Navegante - palavra inventada e “Pronto!”</u>	<u>54</u>
<u>Capítulo da Sagaz infante: “É côquin memo, uai?”</u>	<u>62</u>
<u>Pra concluir as coisas que a gente sabia, mas cresceu</u>	<u>80</u>
<u>Quem me abre janelas, me guia e está em toda parte</u>	<u>90</u>



capítulo para Acordar gente Grande

Tudo começa em um Sertão. Canudos, Bahia – Dezembro de 2018, o ano dos avessos e desentendidos da história brasileira. Andava com perguntas e lamentos pesando meus passos perdidos. Um caminho nebuloso se desenhava olhando pra frente. Pisar era delicado e escorregadio. Era tempo de passar a limpo o caminho feito até aquele momento. Decido andar pra trás, calçada por palavras e escutas dos que há tanto tempo deixaram suas pegadas e impressões, iluminando o caminho.



Fotos: Tatiana Bittar

Começo então as costuras desses rastros, bordando em palavras as tantas experiências. Nessa feitura, a realidade se apresenta em sua complexidade: as tantas histórias contadas, nosso processo constitutivo de nação explicam

aspectos importantes, que reconhecemos ao longo do desdobramento da tal “modernização brasileira” e seus custos, que resultam em um processo de apagamento da nossa história.

A Guerra de Canudos é um exemplo disso: um levante popular que nos mostrou a existência de muitos Brasis no mesmo Brasil e o descobrimento de um Sertão que virou metáfora para explicar tudo que era desconhecido ou ficava longe da “civilização” inventada pela República, que na época, segundo a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, em seu artigo “De Canudos ao caso Lázaro: o espetáculo da morte no Brasil¹” procurou definir essa guerra como um grande exemplo da barbárie contra a civilização e do atraso contra a modernidade.

Penso que o abismo entre as diferentes partes do país seguiu povoando o imaginário de cada um de nós e produzindo episódios trágicos que explicam o descompasso entre a cidade e os muitos sertões brasileiros até os dias de hoje. Nova história; velha história! Pois então, vamos a ela - voltemos a Canudos...

¹ SCHWARCZ, Lilia. Nexo Jornal, De Canudos ao caso Lázaro: o espetáculo da morte no Brasil 05/07/21 <https://bit.ly/3DSOxKH>. Acessado em 16 de julho de 2021 às 15h.

Fotos: acervo Tatiana Bittar



Eu vi um menino correndo descalço num chão de pedrinhas, pulando de um lado para o outro, sorrindo. Sorri junto. Tirei o sapato pra sentir essa alegria dele, mas em mim o chão doía. Sola desacostumada. Admirei mais aquele menino pé de aço. O chão que ele pisa caçoava de mim. Pois foi assim que eu resolvi tirar o sapato toda vez que eu encontrasse uma nova cidade: pra sentir o lugar que as crianças pisavam e assim, entendi que se eu quisesse ir a fundo no mundo eu precisava aprender com eles como colocar meus pés.

Um chão sólido, denso e resistente, que não se entregava com facilidade e me oferecia desafios para que ele pudesse ser acessível a mim, como era para o menino. O relevo indo na contramão da estética do liso. Nosso corpo é totalmente sensorial, carregado de memórias

e esse menino experimentava o espaço com o corpo inteiro, deixando a matéria física ensinar e criando uma comunicação direta com aquele chão, acordando sua sensibilidade. Ao observar seus movimentos, entendo que o ambiente é

fundamental na percepção e na relação que ele estabelecia consigo mesmo e com tudo ao redor. Torno-me assim, aprendiz da infância.

Recolhendo pedras e histórias desses chãos brasileiros, recorro às obras produzidas em cada um desses lugares. Percebo a importância de revisitá-las pra pensar um futuro através das costuras, valorizando o caminho percorrido, narrado e vivido. Nesse percurso começo a ter um contato mais substantivo com obras de autores como Guimarães Rosa, que narram seus textos a partir da identidade cultural para trabalhar a autoestima do povo brasileiro nas suas mais diversas culturas e identidades particulares, criando essa noção de pertencimento, direitos e respeito às diversidades.

E como pensar um futuro a partir disso? Entendo que olhar para as infâncias é um começo. E mais do que respostas, aqui espero que encontremos muitas questões e possibilidades de caminhos que conjuguem nossa diversidade, através do respeito e entendimento das nossas singularidades, forjando a beleza de uma cultura farta. A escritora Chimamanda Ngozi Adichie, em uma palestra para o TED Global de 2009 nos alerta para o perigo de uma História Única.

Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida... Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.²

Esse alerta de um mundo com uma narrativa só faz me fazer pensar sobre o risco de projetar esse futuro embalado pela aceleração do tempo. As mudanças climáticas e os ecossistemas sofrendo os impactos e refletindo em nós e em nosso estado emocional. Quando penso o resultado disso nas crianças e como elas experimentam a infância, entendo que as colocamos nesse lugar incômodo e cruel. O líder indígena ambientalista, filósofo, poeta e escritor Ailton Krenak explica por que, em sua visão, deveríamos nos preocupar mais com o presente do que com o futuro.

As crianças, em qualquer cultura do mundo, são portadoras de novidade. Ao invés de ser pensada como uma embalagem vazia que precisa ser preenchida, entupida de informação, nós deveríamos considerar que dali de dentro emerge uma criatividade e uma subjetividade.³

2 ADICHIE, Chimamanda Ngozi . TED Global 2019 - <https://bit.ly/2WWKD2U>

3 KRENAK, Ailton. 2º Congresso LIV Virtual - <https://bit.ly/3jlfQiW>

Pois bem, em nome dessas infâncias diversas, do não apagamento histórico, das grandes produções artísticas que narram tantas das nossas histórias e da valorização desse patrimônio imaterial da sabedoria do homem no seu lugar, sigo firme na ideia de viajar pelo Brasil em busca dos ninhos que abrigam as crianças do Brasil - que chão elas pisam. É preciso senti-lo. E nessa percepção do espaço geográfico, a partir dos sentidos, é possível atribuir nessa pesquisa significados simbólicos, relativos aos sentimentos produzidos ao ser afetado diretamente pelo ambiente. David Le Breton, em seu livro *Antropologia dos Sentidos*, nos mostra que o indivíduo não toma consciência de si senão através do sentir:

A experiência sensorial e perceptiva do mundo se instaura na relação recíproca entre o sujeito e seu meio ambiente humano e ecológico. A educação, a identificação com pessoas mais próximas, os jogos de linguagem que nomeiam os sabores, as cores, os sons, etc. aperfeiçoam a sensibilidade da criança e instauram sua aptidão de intercambiar seus ressentidos com seu entorno, fazendo-se compreender, relativamente, pelos membros de sua comunidade... Na origem de toda a existência humana, o outro é a condição de sentido, isto é, o fundamento do vínculo social. Um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido.⁴

4 LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Petrópolis, Vozes, 2016. Pág. 32

Pois que elas digam de seus lugares através de suas expressões. Um corpo que ensina e aprende sozinho ou entre pares, pelas práticas do cotidiano, através das expressões da sensibilidade, da imaginação e da intuição. O que só pode ser captado sensorialmente e só pode ser entendido pela experiência narrada através da vivência contínua dos modos de ser criança.

Guimarães Rosa, no conto *Campo Geral*⁵, traz o protagonista Miguilim, um garoto que tem uma visão diferente do mundo em relação aos adultos que o permite enxergar e compreender a vida com poesia, além de perceber a beleza onde muitos não veem. No conto a experiência da infância é o tema central e Rosa admite ter pensado em sua própria infância pra escrever. Seu processo de escrita se dava a partir de anotações em uma caderneta, observando seu ao redor como um menino que descobre o mundo brincando de geografia.

5 ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim: Corpo de Baile*. 12ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016

A literatura foi uma janela que me aproximou de determinadas histórias e porções de realidade – o melhor pretexto pra descobrir o mundo. Fazer um projeto como esse me deu a possibilidade de lidar com a riqueza real e infinita que existe no mundo. E essa discussão da finitude da ficção e da infinitude da realidade é o que conto nessa minha história de experiência e contato. A poesia estimula nossa imaginação e nos seduz nessa forma de indagar a realidade, ou seja: mais do que uma explicação histórica, sociológica ou filosófica, o pensamento literário que é aquilo que o Rosa mobiliza é um pensamento onde a forma de dizer é tão importante quanto o conteúdo do que se quer dizer.

E viver pede invenção: de espaços, momentos e de tempo, para experimentar as primazias do mundo, como diz Manoel de Barros. Assim fazem as crianças, nos lembrando de que elas também vivem em nós, apesar dos nós.



Carrego meus primórdios num andor.

Minha voz tem vício de fontes.

Eu queria avançar para o começo.

Chegar ao criancamento das palavras.

Lá onde elas ainda urinam nas pernas.

Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.

Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.

Pegar no estame do som.

Ser a voz de um lagarto escurecido.

Abrir um descortínio para o arcano⁶

6 BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro, Record. 1998. Pag. 47

Através do “olhar” de Miguilim recebemos um mundo vivo de cores e representações carregadas de encantamentos e descoberta. Penso que isso possa ser uma forma política de se posicionar no mundo, valorizando a infância e sua contribuição para a sociedade, com seus fazeres em um tempo onírico tão rico e cheio de possibilidades, que faz com que os adultos passem a perceber os espaços de outra forma mais sensível.

Registrar esse lado potente da infância é se colocar à disposição da imaginação. Bachelard, na obra *A Poética do Devaneio*, dizia que a imaginação é uma força da natureza. E essas forças precisam se manifestar para não adoecermos.

A poesia é uma força de síntese para a existência humana.⁷

É uma experiência delicada que parece ser mais intuitiva do que mecânica. Talvez seja aí que more a dificuldade dos adultos educados na racionalidade e na explicação: dar espaço para o inconsciente se expressar. Temos uma capacidade incrível de usar a imaginação, com um arquivo gigantesco de sensações e isso é a fonte de criatividade, autoestima e vida.

7 BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Pag.119

Segundo o livro *Boiada*⁸, Guimarães Rosa, dotado de vários cadernos com tocos de lápis, anotava tudo sistematicamente: histórias, nomes das pessoas, cantigas, palavras. Essa prática de registro se relaciona com seu desejo de conhecer o mundo a partir da observação. Fiquei pensando: é um escritor que tem a capacidade de criar um universo fantástico, seduzindo gerações e países e no fundo tudo isso começou com a observação, a experiência e a curiosidade de olhar o mundo buscando as explicações como um menino que aprende com olhos de viver.

Inspirada por esse processo tão minucioso de Rosa, que culminou em uma expedição que ele fez pelo Sertão de Minas em maio de 1952, desejo perseguir esse caminho e refazer a rota em maio de 2021 buscando esse olhar “Miguilim”. Será que as paisagens descritas nos livros do Guimarães e os personagens ainda estarão lá? Será que a gente consegue ver esse rastro? Estou atrás disso, mas também estou atrás da minha própria motivação em observar a realidade. De certa maneira, todo esse universo que se faz com palavras, também começa com o olhar, os ouvidos atentos e os pés descalços. Mas antes de contar como pisei, falarei sobre “o que” desse lugar.

8 ROSA, João Guimarães. *A Boiada*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2011.

Sertão: estes seus vazios. O senhor vá, alguma coisa encontra.¹

Que imagens evoca o ouvir sertão?

No pensamento social brasileiro, na literatura e nas artes brasileiras foi e é recorrente a indagação pelo o que é o sertão, pelo seu significado, pelas figuras que o poderiam representar. Afinal, o que se diz ao se dizer sertão? Na busca de um só sentido, na procura de uma única definição, o encontro com o diverso, com o disperso, com o divergente, o encontro com o ambíguo, com o ambivalente... O sertão continua funcionando na cultura brasileira como essa grande interrogação, como essa grande pergunta, essa momentosa questão, como essa enorme angústia em torno do ser, que um dia levou Rosa a perseguir o ser do sertão ou o ser no sertão por estradas e veredas sem fim.²

capítulo de cá e de lá tudo é sertão

Percorrendo veredas, procurando o “quem dos lugares” no sertão real e na ficção



1 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.29

2 ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. 36º Panorama da Arte Brasileira – Escavando o oco do sentido ou o que significa ser-tão? <https://bit.ly/3yT2SU0>.

Acessado em 18 de julho de 2021 às 14h.

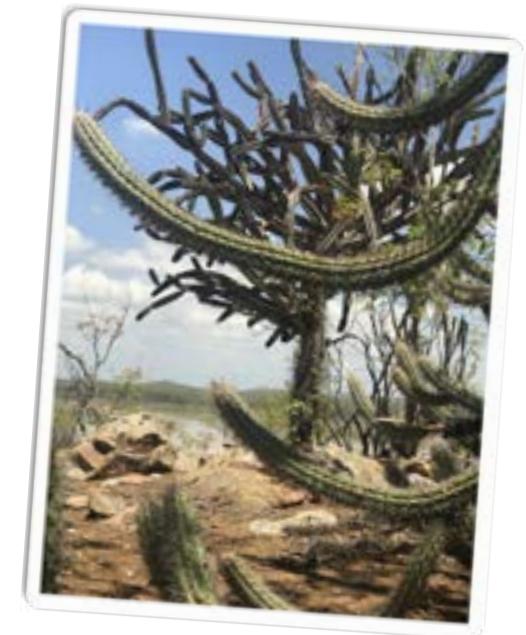


Foto: Tatiana Bittar

De acordo com o Professor Durval Albuquerque, em seu livro *A invenção do nordeste e outras artes*³, a palavra Sertão, até o começo do século XX, nomeava qualquer território para o interior de qualquer espaço brasileiro – era tudo o que não era litoral e nem cidade. Não era a “civilização” e não era povoado – era o outro. Normalmente quando ouvimos a palavra sertão, ele remete a um conjunto de imagens e temas que, segundo o professor, foram construídas ao longo de séc. XX e costumam ser associadas mais à região Nordeste do que a outras regiões do país. Pensamos em seca, retirada, coronelismo, cangaço, movimentos religiosos... Mas sertão antecede a tudo isso. O Professor Durval conta que o “Nordeste” é um conceito regional que só surge no começo do séc. XX. e o discurso regionalista nordestino foi muito eficiente ao capturar esse conceito de Sertão, pela produção cultural, sociológica e historiográfica, ao ponto das demais regiões brasileiras não terem mais sertão e sim interior.

Até mesmo falando sobre Guimarães Rosa muitos pensam, por exemplo, que o romance *Grande Sertão: Veredas* se refere ao Nordeste, mas essa obra se passa

3 ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz - *A invenção do Nordeste e outras artes*, 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2009.

em grande parte no sertão das Gerais.

No dicionário, a palavra sertão em português significa o lugar do vazio, inabitado. Então, entendo que Sertão é um silêncio e se ele é um vazio de sentido, podemos dar significado a ele de várias formas. Sertão também pode ser outro tempo, remetendo ao passado, vivendo um tempo anterior à civilização, ao progresso, a urbanização, etc... Sertão como confins, como distância física e temporal, mesmo estando dentro de nós. Tão complexo

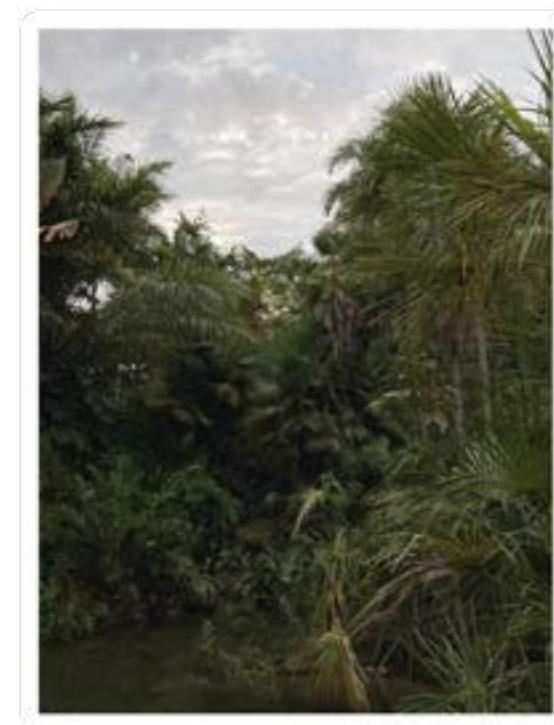


Foto: Tatiana Bittar

quanto qualquer outro espaço. Esses recortes espaciais são construções humanas, políticas e culturais.

O conjunto de imagens, sentidos e significados foi sendo construído pela literatura, pelo cinema, teatro, pintura, sociologia, historiografia. E aí está o desafio em tratar esse tema, fugindo dos estereótipos, dando conta da multiplicidade

desse sertão. E essa ideia de ser um lugar do atraso, onde o progresso e a modernidade não chegaram, do artesanal e não do industrial, precisa ser revisto. O Sertão também é pós-moderno e globalizado, atravessado por todos os fluxos econômicos culturais e simbólicos que atravessam qualquer espaço



Foto: Tatiana Bittar

do mundo. E como tudo aquilo que é humano, esses espaços são dotados de sentidos e são dados pelas vivências e experimentações. Pisar nesses Sertões é uma experiência múltipla, embora ela tenda a ser narrada quase sempre a partir de determinados clichês.

O romance *Os Sertões*, de Euclides da Cunha⁴, construiu um conjunto de imagens e um acervo documental impressionante de onde toda literatura posterior bebeu pra falar do sertão, até chegarmos a outro arquivo fantástico que foi com Guimarães Rosa. Temos duas obras monumentais da literatura brasilei-

ra que contam a história de um Brasil real, massacrado pela opressão.

Ler e ver o Brasil, através da literatura e da experiência, ilumina os acontecimentos na complexidade que faz com que a realidade vá mostrando o quanto as histórias pontuam aspectos que nós reconhecemos ao longo do desdobramento da urbanização brasileira e sua característica forjada de “cordialidade”. Penso que autores como o Rosa interrogam o destino do Brasil como algo que carrega consigo ainda questões profundas, ligadas a uma violência que se produz numa espécie de ciclo vicioso e não sai com facilidade, por ter uma capacidade imensa de se reproduzir e nos constituir. Um Brasil que herda uma história de violência em “redemunho”, que muda personagens e cenários, mas se repete como uma espécie de karma. Inclusive porque a imagem dessa violência também é associada ao Sertão, pensado como esse lugar da valentia, do “cabra macho”, da dureza da vida que masculiniza e portanto produz força - o que também nos faz pensar nessa relação de gênero entre sertão e a masculinidade.

⁴ DA CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Cotia, Atelier Editorial, 2009

Sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias.
Deus mesmo, quando vier, que venha armado!⁵

Nesse sertão o diabo vive bem no redemoinho do meio, sendo esse lugar eterno da luta entre o sagrado e o profano. Rosa mergulha no fundo de tudo isso pra elaborar, através da sua escrita, um trabalho simbólico de superação desses estigmas tão entranhado em nós. Nesse mergulho que ele deu, me comprometi. E no rio que ele foi fundo, coloquei meus pés.

Assim percebo o quão estrangeiros também somos em nosso território e essa conclusão reforça a importância de conhecer esses Brasis também por uma resistência em aderir a um projeto de país em que só poucos se reconhecem. Então pra além dos adjetivos atribuídos a nós brasileiros como alegres, democráticos, acolhedores e resilientes, temos cada vez mais a necessidade de nos reinventar diante desses retrocessos, reescrevendo essa história para poder existir todas as outras.

E para dialogar com outros imaginários, escolho a arte como instrumento de construção de imagens que já estão estabelecidas, mas são repensadas

5 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.21.

e reelaboradas, ultrapassando o discurso e conhecendo esse sertão. Muitas pessoas não conhecem o sertão contemporâneo e o interpretam como um lugar isolado sem pensar que esse é um espaço de migração, nomadismos e atravessamentos. Portanto é um espaço de conexões. O Sertão sempre foi atravessado pelo Outro, pelo estranho, pelo que vem de fora. E a visão “homogenizadora” do sertão que não o percebe em sua diversidade de culturas e biomas, nasce pelo desconhecimento.

Guimarães faz do Sertão um lugar da reflexão onde está o núcleo de significação do Brasil e do mundo. Para além de uma reflexão histórica e sociológica, é uma reflexão metafísica, onde tudo se une e ao mesmo tempo onde dispersa, onde as fronteiras se encontram e se apagam. Sendo assim, o sertão se principia e se transforma sempre no olhar de quem realiza sua travessia. Não é aonde se chega, mas sim por onde se passa. E se ele tá dentro da gente, suas paisagens também estão. Portanto ir até ele é um convite à reflexão sobre as realidades instituídas nos olhares de cada um de nós com os triunfos e tragédias que eles forjam.

É uma paisagem que me encanta, mas é importante olhar esse espaço de uma forma mais profunda, esperando essa imagem ser, sem pressa de tentar

entender a complexidade de seu significado. É preciso pra além de respostas racionais, sentir e intuir. E nesse lugar sertão, a paisagem é um efeito: tudo



Foto: Tatiana Bittar

acontece ao redor disso em um horizonte infinito: a textura do chão, a presença do vento, a chegada da água e todos esses elementos são o cenário desse lugar.

Qual a dimensão simbólica e subjetiva que está relacionada com os elementos concretos desse lugar

Sertão? Como as pessoas interpretam isso? E as infâncias de lá, como crescem? Talvez enraizadas dentro de sua própria natureza em uma profunda ligação com o real e o imaginário desse lugar. Como pensar as crianças, nesse território “dos adultos”? Seria mesmo um embate de contrários?

Começo a buscar “o quem” desse lugar nos dias de hoje, na perspectiva da infância. Me deparo com pesquisadores como Lydia Hortélio, Gandhi Piorski e Gabriela Romeu, que registram o cotidiano e o imaginário das crianças pra

além dos centros urbanos, construindo inventários preciosos com as histórias recolhidas, sejam nas cantigas, nos rituais, encantarias, tradições, brinquedos e brincadeiras do Brasil. A partir disso, um universo se abre e um caminho surge pra mim. Com as pesquisas feitas por eles me encanto com as crianças em suas realidades distintas e plurais, destacada pela diversidade de saberes, fazeres, vivências e experiências de cada uma delas, em seus ninhos. E quando a gente vai com as dúvidas certas, encontramos as respostas e a partir desse caminho que começou no Sertão, a travessia foi me levando ao encontro de gente grande e sensível, que também quis aprender com meninas e meninos como pisar em cada chão.

E pra falar desse lugar, a provocação é um convite: Vá!

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.⁶

Viajemos por ele, então, na ousadia de ir a algum lugar que eu não sei onde vai dar, sem ter ideia do que vai surgir.

⁶ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.53





capítulo da Travessia pra virar Miguilim

impressões de uma viagem literária para o sertão
do lado de dentro, pelos caminhos dos Gerais

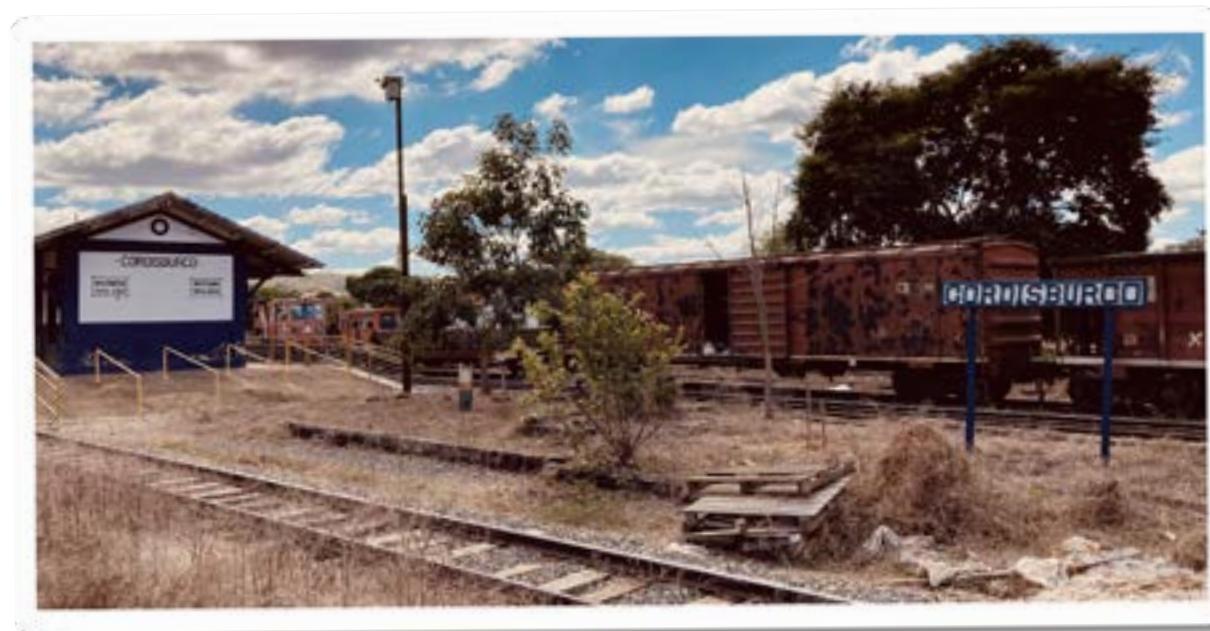


Foto: Tatiana Bittar

Este é um pacto: uma experiência metafórica e concreta. Viajar é interpretar e ler também é. Portanto, aqui segue um trabalho de construção de sentido a partir de nossas bagagens pessoais – o que carregamos com a gente e o que levamos de novo, possibilitando também um confronto com o que somos e com o outro, por semelhança ou contraste.

Na mala, os textos do Rosa funcionavam como um guia. A partir das descrições dos lugares, era possível mapear as referências do universo literário naquela geografia física e assim desenhar outros mapas, criando um novo modo de contar histórias.

1ª parada – Cordisburgo: a cidade do coração.

O ninho de Joãosito – “Aqui já é o Sertão” (Brasinha)

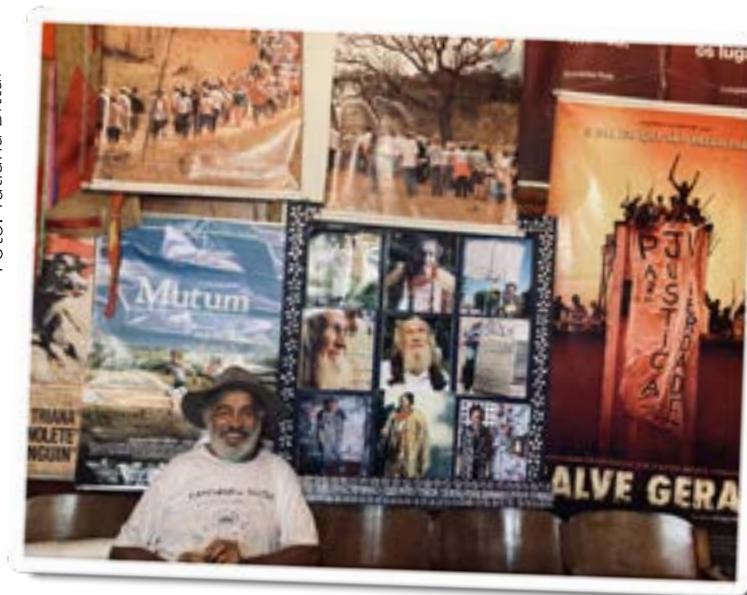
Cordisburgo era pequenina terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito: lá se desencerra a Gruta do Maquiné, milmaravilha, a das Fadas; e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sob o demais de estrelas.... Mais eu murmure e diga, ante macios morros e fortes gerais estrelas, verde o mugibundo buriti, buriti, e a sempre-viva-dos-gerais que miúdo viça e enfeita: O mundo é mágico.¹



Foto: Tatiana Bittar

Não foi preciso andar muito pela cidade pra notar a forte presença de Rosa por todas as partes: nomes de comércios inspirados em seus contos, estátuas e a própria paisagem que remetem aos livros lidos do autor. Nessa atmosfera, os contatos com as pessoas da cidade costuraram os próximos passos do trabalho. Cada vez mais fazia sentido olhar os pequeninos na pequenina terra sertaneja de Rosa.

Foto: Tatiana Bittar



por um tempo que ali passa generoso e perde as horas de vista. Ele é uma atração da cidade e tem uma loja de acontecimentos: nada se vende e tudo se conta através de seu profundo conhecimento acumulado ao longo do tempo e escondido por trás dos objetos recolhidos e colecionados por toda vida. Ele procura o real dentro da ficção e nos inspira em trocas imensas oferecidas, criando caminhos e abrindo espaços em si mesmo e dentro da gente. A história que isso dá, relampeja – você vai, você veja.



1 ROSA, João Guimarães. Discurso de posse da ABL em 19 de novembro de 1967.

“O Sertão começa aqui!” é a frase que Brasinha vestia pra nos receber. Chegança é o sentimento! Entre objetos signos e poemas, cenários se criam através das histórias que ele nos oferecia, ativando nossa memória e permitindo que nós, *homens humanos*, não nos “deslembremos” de quem somos e de onde viemos. Quando um daqueles objetos é colocado em evidência, ele se transforma e toma vida. Senti que era assim que vinha a poesia: livre para qualquer interpretação, subjetivando a concretude e ampliando os sentidos.

Sua pesquisa é sobre “o quem dos lugares” e é através dela que ele segue seu caminho atrás das pessoas e suas histórias, “roseando” os objetos que representam essas passagens, através da língua falada nessa região, que é a língua do coração. E na mesma proporção que ele junta estórias, ele as espalha. Não importa se será a primeira vez que você vai ou se é um visitante corriqueiro: ali sempre se descobrem novidades.



Foto: Tatiana Bittar

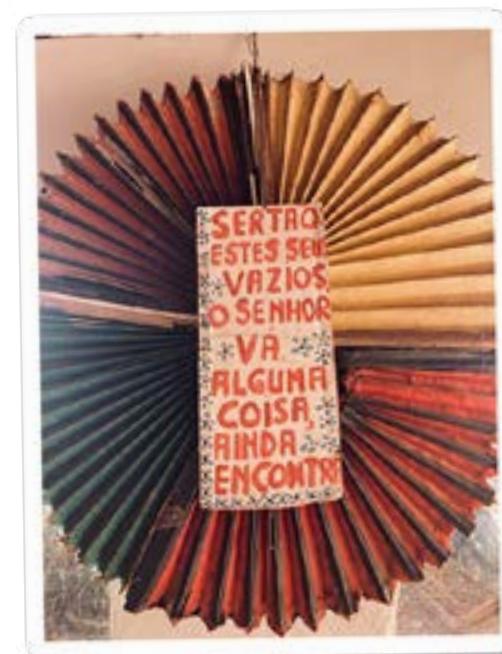


Foto: Tatiana Bittar

Brasinha diz que não parava quieto na escola e seu apelido veio de um colega que dizia que ele tinha “uma brasa queimando a bunda”. Ele segue assim, irrequieto em estado de infância: traduzindo aquilo que a gente pensa e não dá conta de falar.

Sinto que as histórias que aparecem nas páginas de Rosa são revividas nas ruas de Cordisburgo até hoje, na fala mineira dos moradores da cidade e no jeito roseano de ser que faz da Cidade do Coração o berço de uma criação lúdica e fértil para imaginação de quem se permite viver essa experiência com esse olhar – é o começo do sertão: esta espera enorme.

As infâncias de lá são vividas também através de projetos como o do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, composto atualmente por jovens, entre 10 e 18 anos que recebem treinamento e formação em técnicas

de narração de histórias e conteúdos sobre a vida e obra do Rosa, além de aprenderem valores que fazem desta experiência o alicerce para o futuro de cada um deles. O nome do grupo é inspirado no personagem Miguilim, do conto Campo Geral². Durante esse período, os participantes começam a atuar voluntariamente como mediadores e narradores de histórias do escritor ao público visitante do Museu Casa Guimarães Rosa. Essa formação permite a esses Miguilins desde cedo valorizarem esse patrimônio imaterial e sua importância para cidadania, para a memória e para um resgate da identidade social. Fundado em 1996 pela Dra. Calina Guimarães, esse projeto segue formando crianças e adolescentes ao longo do tempo e constituiu em uma ação de preservação e difusão cultural, levando o sertão roseano

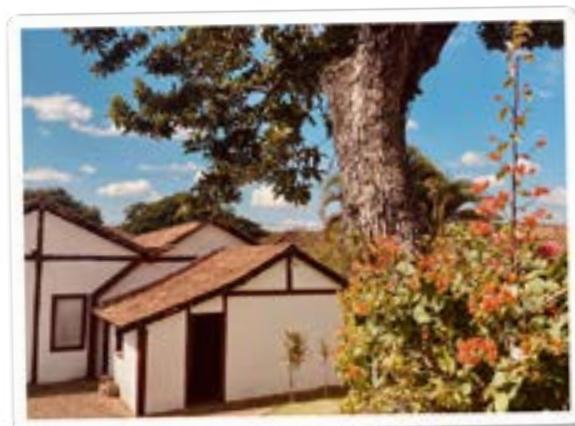


Foto: Tatiana Bittar

pra todos os lugares através da apresentação e da voz de cada um deles. E uma vez Miguilim, sempre Miguilim. O segredo está aí - os verdadeiros 'embaixadores' de Guimarães Rosa têm a infância e o encantamento no olhar e na presença.

² ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim: Corpo de Baile. 12ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016

O grupo conta hoje com a Dôra Guimarães e a Elisa Almeida, que respondem pela direção e formação integral das crianças e dos adolescentes. Os ensaios acontecem no Museu Casa Guimarães Rosa, coordenado pelo querido Ronaldo Alves e tem como um de seus professores um Miguilim Mestre chamado Fábio Barbosa. Estive em contato com essas pessoas durante minha visita que me acolheram e me inspiraram demais. Através desses primeiros contatos na cidade pude andar melhor e romper a trava do ver. E foi assim, flutuando as vistas guiadas por olhares tão sensíveis e potentes, que me deparo de repente com



Foto: Tatiana Bittar

começo e recomeço - o infinito e etcetera...

uma menina chamada Maria Cecília de 3 anos. Com ela, senti a terra e voei, mas contarei em um capítulo só dela.

Ter Cordisburgo como começo da Travessia me fez sentir que um lugar pode permanecer encantado através do tempo e das histórias. É um grande

2ª parada – Morro da Garça: da terra roxa que leva à pirâmide do Sertão



Foto: Tatiana Bittar

É sobre os encantamentos e as vistas do Sertão das Gerais. O sol atravessa a gente e é feitiço dado. Primeiro pacto feito. E quem lá conhecer, assim sem esperar, a si próprio vê.



O Recado do Morro³ é um conto do Rosa, inspirado na paisagem do Morro da Garça, que narra os caminhos de ida e volta pelo sertão de Minas, percorrido por uma espécie de cortejo emblemático da formação colonialista brasileira: um proprietário de terras, um padre e um letrado que são guiados por dois homens populares da região. Pelo caminho encontram um eremita íntimo da Terra e afastado das convenções que afirma ouvir do Morro um enigma que envolve Morte, Traição e Festa.

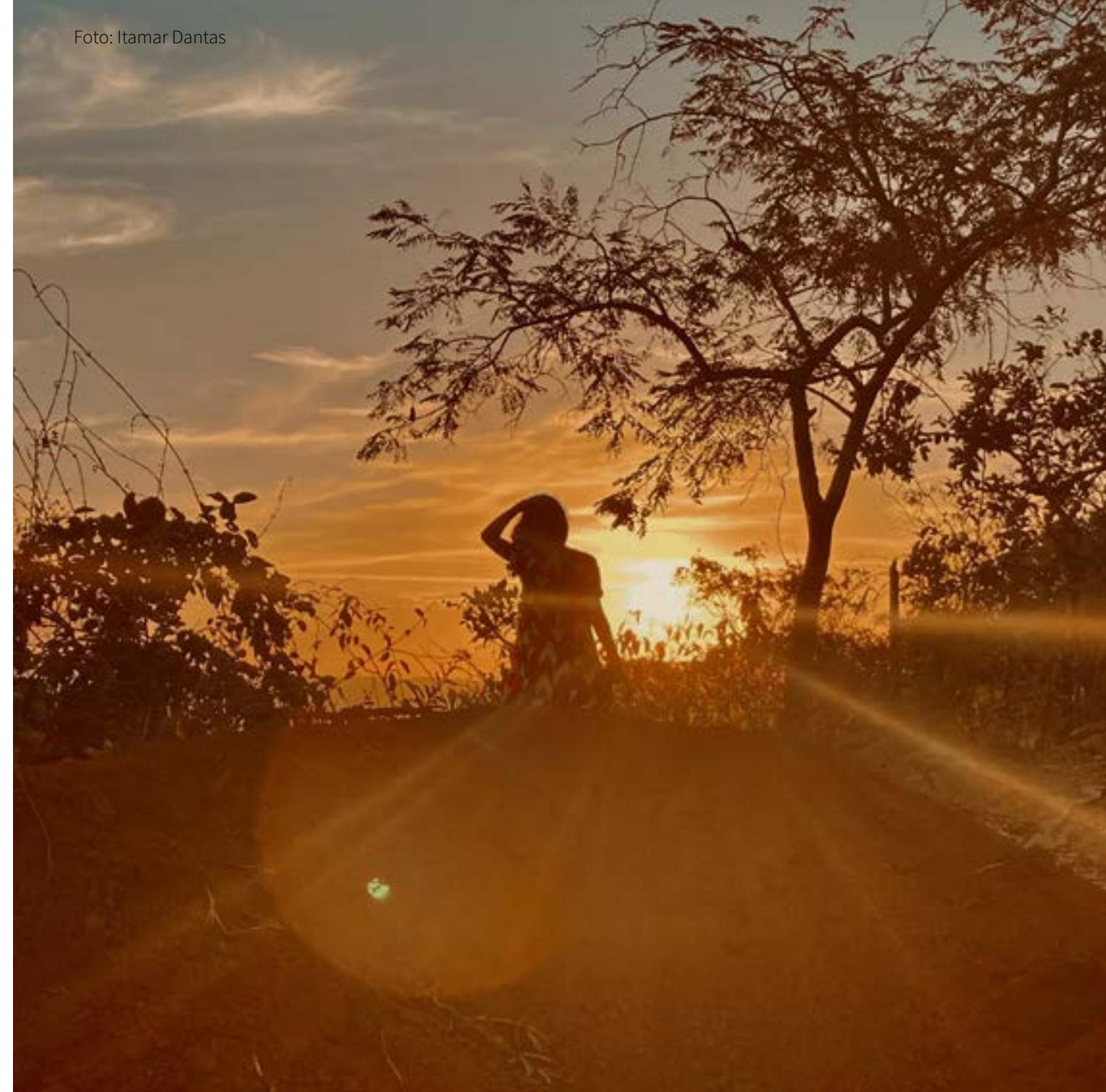
O recado passa de um para o outro e sofre transformações em cada intervenção feita por outros personagens que aparecem pelo caminho. A história vai ganhando sentido em uma viagem simbólica! É a natureza da palavra “recado” no sentido de passagem em que cada destinatário é um destinador, pelo qual passa o destino dos sentidos. E esse é o nosso problema e ao mesmo tempo nossa chave, portanto o núcleo do nosso enigma.

3 ROSA, João Guimarães. Recado do Morro: Corpo de Baile. 12ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016

Era preciso muita presença de espírito para desbravar essas estradas de chão e caminhar pelo cerrado, pra fora dos livros. E assim seguimos rumo, desejando subir no alto dele, pra ver o que acontecia de cima, nesse lugar. Escalamos esse morro nas primeiras horas da manhã e lá de cima, a vista maior, completa de um horizonte sem fim. Ali se descortina um Grande Sertão. O sol se abrindo e eu buscava nas vistas as veredas por onde a vida brotava.

Cheguei ali por meio da literatura, buscando um morro-personagem visto de qualquer lugar. E apesar de imagem corriqueira para os moradores de lá, a paisagem é dentro de nós e a potência desse lugar através das palavras e da sua beleza, encanta. É a vereda da arte: um lugar que nos permite respirar melhor.

E devagar, sem pressa com o tempo, alguma coisa se encontra nas vistas desse “sertão roseano”, ultrapassando a experiência literária e fazendo com que o destino da viagem chegue cada vez mais próximo ao coração do Brasil. Isso fez trazer o nosso sertão pra fora. Uma espécie de saudade do que eu vivia ali no presente, com uma sede de mundo que ainda há de ser visto e precisa resistir no futuro.



3ª parada – O Rumo sentido Andrequicé: ave, Boiada!



Foto: Tatiana Bittar

Essa parte da viagem, fizemos por uma estrada de terra, reproduzindo os caminhos da Boiada de Guimarães Rosa em 1952. Hoje, em 2021, moradores locais, viajantes e a Gerdau - cada qual com seus propósitos - transformam constantemente esse trajeto. Por ele nos perdemos, atolamos e quando achávamos que aquela noite seria no sereno do luar do Sertão, fomos salvos

por Seu Dudú, um senhor que surgiu milagroso como herói. Parecia miragem quando se aproximava em cima de seu cavalo cercado pela comitiva dos



Foto: Tatiana Bittar

três cachorrinhos. Era uma estrada-labirinto: como se a geografia local tivesse uma curiosa predisposição de fazer viajante se perder pra se achar. Os sertões da vida que não estão definidos - uma terceira margem que talvez seja o lugar mais verdadeiro dos humanos, pois no fundo somos seres de passagem avançando margens desconhecidas que não são aquelas que nos enquadram diante de um mundo estreito. E, ali pensei que os Gerais *transvêm e diz de um tudo, né? E tudo é mesmo muito misturado!

As lições de R. Q.”

(Manoel de Barros)

Apreendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo [...] ⁴

Usei esse poema de Manoel de Barros e sua ideia de transver, para que possamos ampliar nosso horizonte temporal: a poética de uma pessoa que são muitas diante da singularidade. Uma história mais para o fim do que para o começo. Um jeito de passar a vida à limpo, lembrando dos acontecidos e questionando as certezas certas, ouvidas na oralidade de uma fala de um certo peso - cheia de significados. Um Sertão Metafísico e as Venturas da nossa existência.

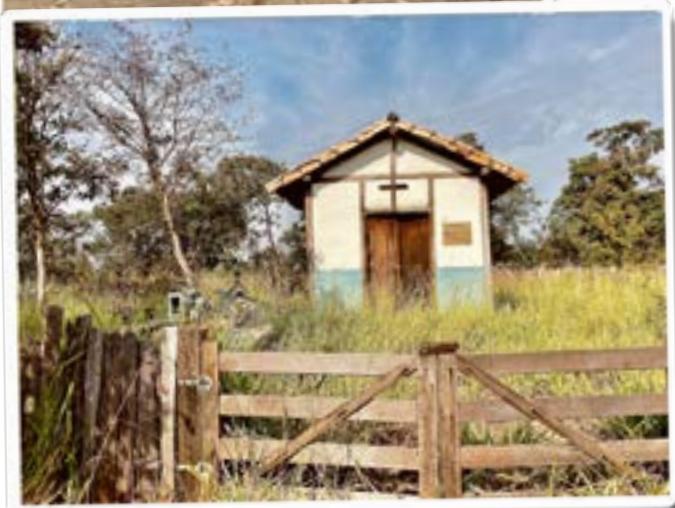
E esse exercício de ampliação de nossas capacidades de percepção, através das paisagens roseanas, serviu também para gente conseguir reconhecer o sertão da topografia real mineira: o cerrado sofrendo violentamente as consequências das monoculturas. É preciso constantemente agir contra essas investidas depredatórias, pois os caminhos que brotam da paisagem sertaneja, suas belezas, saberes e modo de vida dos homens, mulheres, assim como das infâncias do sertão segue constantemente ameaçados.



⁴ BARROS, Manoel de. Poema As lições de R.Q



Quando chegamos a Andrequicé fomos atrás das histórias de Manuelzão, personagem literário criado por João Guimarães Rosa, inspirado no vaqueiro Manuel Nardim, que era capataz das boiadas do Chico Moreira, primo do autor e acompanhou Rosa na expedição de 1952 pelo sertão, servindo como um guia da região.



Fotos: Tatiana Bittar

A cidade respira o ilustre vaqueiro, fazendo de sua antiga residência um museu, ligado a uma casa de Cultura e um Cineclubes que também levam seu nome. Nesse pequeno distrito,

mesmo aqueles que nunca leram as obras de Rosa, sabem contar alguma passagem de seus livros com orgulho. É o trânsito real do universo da cultura erudita com a cultura popular.

Tive contato com as bordadeiras da região que se inspiram nas obras de Rosa pra criar seus bordados. São peças que dialogam com a memória local e o universo sertanejo descrito pelo escritor. Essa linguagem faz parte de uma memória coletiva e ancestral, então é acolhedor ser recebido por elas. Os bordados costuram esses encontros, fortalecendo os vínculos de cada um de nós através de uma experiência coletiva.

E naquele momento, atravessando a dura realidade da pandemia com o total descaso das autoridades em relação à população, lembro de ter pensado na oportunidade de viver essa experiência de pesquisa, celebrando também uma literatura que fala sobre o respeito, a preservação e o zelo dos sertanejos ao território. A vontade de passar pra frente e alimentar nos outros essa valorização fazia cada vez mais sentido e aumentava de tamanho. Escrevendo e registrando, deixo esse desejo transbordar - pois só assim ele corre livre e imenso pra chegar na outra margem sem dar pé, pra que o outro possa mergulhar.

4ª parada – Três Marias e Um rio Francisco



Foto: Tatiana Bittar

Foi ali que se deu o primeiro encontro: chegar ao Porto do De Janeiro, uma barra do Velho Chico. Apreciava novidade inquieta para os olhos. Transformação metafórica – a Travessia em si, enfim. Pensava o percurso inspirado no trecho do livro Grande Sertão Veredas do encontro com o menino. Deixo-me agir de um modo outro, conforme as circunstâncias. “Carecia de coragem”, eu dizia alto, imantada numa espécie de feitiço momentâneo. Sentia ser um rito de passagem.

– “Avancemos” (eu não hesitava). As tantas sensações misturadas.

Um rio-menino abrindo um caminho desconhecido “agora num fora do tempo”. Entramos no barco e seu vacilo não me deu receio. Olhos verdes da água luzindo um efeito de calma. Eu sabia nadar e estava indo ao meu esmo. A paisagem cresce diante dos olhos: fauna e flora vivas em sons e movimentos, até que o rio se abre, imenso ao chegar na confluência do De Janeiro com o Rio São Francisco. O canoieiro lentamente “atravessa!”. Daqui não iríamos mais voltar! A travessia impulsionada. No meio, fomos mais valentes.



O barqueiro encosta e nos espera. Nos lançamos mergulhados, profundo que foi. Eu mesma nem pensei os perigos. Permaneci boiando em posição de descanso - lugar que me achava. Peixe virava

ali, aos olhos de quem via. As minhas tantas valentias. É mesmo... “Muita coisa importante falta nome.”⁵ Um rio com uma espécie de paradigma: a iniciação

⁵ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.107

na coragem e o enfrentamento do mistério. A ambiguidade de uma experiência que transmite paz e inquietação.

Um rio que se suspende e evidencia a força e a fraqueza do mundo, alternadamente, como se a vida só pudesse ser explicada no movimento de travessia. Digo e redigo – eu vi Diadorim no verde do Rio, nas faces de Deus e do Diabo, simultaneamente. O nada e o tudo, o achado e o perdido na vida de quem navega seu curso, dirigindo palavras sobre seu próprio Sertão. E aqui, firmei meu pacto: “Diá” existe em mim!



Virei Escritora.

Essa rota literária que fiz inspirada pela obra de Rosa foi uma viagem-travessia no/e através de uma cartografia Roseana delineada na geografia física. Esses mapas passam a contar uma história e a partir da perspectiva do enredo e da própria obra, somos capazes de andar ao lado dos personagens, que nos guiam por territórios-testemunhos da obra literária, possibilitando um mergulho na paisagem do Cerrado e na cultura do Sertão Mineiro. E através desses movimentos foi possível valorizar e aprender, com a população local e suas comunidades, todo esse universo de costumes, práticas e valores, uma vez que

só eles detêm conhecimentos sobre suas formas de se organizarem.

É um aprender fazendo, uma vez que este processo se constrói necessariamente na prática sócio-espacial e esse diálogo propõe e discute a valorização e a preservação de um patrimônio material e imaterial dos locais a partir da perspectiva da arte e da cultura local, promovendo e protegendo o modo de vida das populações na atualidade.

O caminho nesse trabalho é o sujeito da pesquisa – comum e extraordinário, encontrando palavras que já foram escritas e escolhendo outras para narrar as formas que ele se deu. Assim se deram as * “escrevivências” – palavra que peço a

licença de pedir emprestada à grande escritora Conceição Evaristo. Inspirada em seu processo, sinto que a escrita que se funde à nossa vivência e ao experimentar essa possibilidade, promovemos sentidos, conseguimos nos reconhecer e principalmente, podemos compreender e respeitar uma sociedade tão diversa.



Foto:Itamar Dantas

Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção.⁶

E nesse espaço que nunca foi estático e sempre esteve em movimento, podemos caminhar por paisagens e traçar rotas para seguir a viagem, sabendo que até existe um ponto de chegada, mas que o sentido se dá é no meio do caminho. Não sei se busquei respostas, mas persigo as perguntas certas.

E se o Sertão está no mundo e o mundo está no Sertão, torço pra que essas paisagens culturais tragam múltiplas possibilidades de reflexão sobre as complexidades e a beleza da vida. Ali ouvi vento uivar, então invento com todas as licenças pedidas e sem licença nenhuma, meu jeito de contar as formas de chegar ao sensível de seu olhar adulto, que carece de contações explicadas, “apanhando com o olhar cada sílaba do horizonte”.⁷

6 EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.

7 ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Os Cismos. 15ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001. Pág. 229

Saúdo todos que aqui estão enredados nessa escrita de afeto e apesar de chover no molhado de tantos passos dados em cima desses territórios, tento aqui um pequeno deslocamento, repisando em um espaço tão transformador que se revela, através das palavras e da sonoridade delas. Pegar esse tom antes de pegar o sentido nos dá a oportunidade de uma escuta sensível das realidades e concepções de mundo.

Essa é a verdadeira viagem profunda: abandonar a poesia de gabinete e se deixar atravessar pelo espelho do som, o eco - que ecoe e volte para nós, pois como o Rosa diz, o entendimento virá depois. E se assim for, Miguilins seremos: arrebrandando a trava do ver adulto e recorrendo à imaginação e sensibilidade em estado de alegria, com óculos das coragens de se sair para o mundo, que nos mostra sentidos e verdades ali ou em qualquer lugar. Pacto feito, seguimos a viagem-travessia em plenitude de infância, com vivacidade e ternura, olhando Rosa e sua literatura. São descobertas de um lugar-sertão pra todos os lados em todos os tempos. Os sentidos se aguçam, enquanto a geografia local e a ficção vão se misturando e nos envolvendo. Levei os livros como guias e embarquei em uma viagem sem volta, ou como gosto de pensar: com infinitas voltas.

capítulo da “Aldaz” Navegante - palavra inventada e “Pronto!”



lirismo e alegorias de uma menina Brejeirinha, inspirado no conto Partida do Audaz Navegante de Guimarães Rosa

Partimos agora para uma viagem literária em um conto¹ ambientado no Sertão de Minas, sobre uma menina audaz:

Era uma manhã que brumava e chuviscava, com a paisagem praticamente ausente, como se não fosse acontecer coisa nenhuma. E alguma coisa acontece assim? Acho que é assim que a gente olha pra dentro. Naquele dentro de lá, o cenário era uma casa com a mãe, três filhas (Ciganinha, Pele e Brejeirinha) brotadas como flores, o primo Zito e a cachorra Nurca. Brejeirinha, a filha mais novinha, formava muitas artes brincando com as palavras e inventando coisas que absolutamente não existiam na língua que ela fala. E se toda arte é uma invenção, a menina “andorinhava” de um canto pro outro com seus olhos de pestanas “til ti”, colocando acentos no que ela vê:

- “Eu sei porque é que o ovo se parece com o espeto!” - diz ela.

Mas se parecem? Um ovo é oval e um espeto é pontudo. Mas isso não é o que a poesia faz? Aproximando os impossíveis? E se as palavras não nascem

¹ ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Partida do Audaz Navegante. 15ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001. Pág. 166

amarradas, como diz Drummond², elas não têm ordem nenhuma. É como a arte que não tem uma origem fundante e como a infância: livre pra imaginar e recriar novos mundos e possibilidades, percebendo o arbitrário das coisas. Ela sabe por que o ovo se parece como o espeto. A gente não!

Uma menina da linguagem: esse é o brinquedo da Brejeirinha. Ela se interessa pelas palavras, pelos sons e pelos significados. Portanto ela também se interessa pelo sentido das coisas nomeadas pelas palavras. É uma criança pequenina cheia de possibilidades, que ainda não está domesticada pela cultura que nos coloca freios de obediência. A criança é capaz de ver, sentir, intuir e dizer aquilo que os adultos já esqueceram. Junto com os loucos e com os poetas, as crianças são inesperadas e são capazes de deduzir coisas, jogando com as palavras como se elas fossem pedrinhas.

Para nós adultos, as palavras são instrumentos pra significar conceitos, mas ela era uma “poetista” lampejando clarões e se apropriando de nuances que ninguém mais percebe, refletindo em si mesma o sentido:

2 DRUMMOND, Carlos de Andrade. Nova Reuniao: 23 livros de poesia/ Carlos Drummond de Andrade - 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Pág. 103.

“- Zito, você podia ser o pirata inglório marujo, num navio muito intacto, para longe, lo-õ-onge no mar, navegante que o nunca-mais, de todos?”

Aqui vemos a menina sendo o princípio da poesia, pegando trechos de uma aventura e usando as palavras sem nenhuma preocupação de adequação a um significado preciso, como se fossem um bloquinho mágico. O poeta inventa a possibilidade de uma história que muda a realidade. Neste conto, Guimarães Rosa, por meio da Brejeirinha, traz um conceito metafísico em que a palavra tem um contato secreto com o Ser e se a criança, antes de ser domesticada pela cultura, ainda preserva essa sabedoria, o poeta mantém esse contato a vida toda.

Segundo Deleuze, a tarefa do escritor é tornar-se criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância³. Pensando nessa perspectiva, Rosa recupera a ideia de que a criança é capaz de intuir coisas que a nossa sociedade desaprende ao longo do tempo e que precisa urgentemente recuperar para não serem dominados por uma ideologia miserável.

3 KOHAN, Walter. Infância entre educação e filosofia, São Paulo, Autentica, 2007.

- “Por que você inventa essa história de tolice, boba, boba? e Ciganinha se feria em zanga. - “Porque depois pode ficar bonito, ué!... Antes falar bobagens que calar besteiras.”.

A narrativa completa aquilo que não temos. A vida por si só é pobre de sentido sem colorirmos ela com a arte. Sendo assim, entendo que as “bobagens” são revelações e a crítica é justamente nas certezas que os adultos têm. Nessas certezas, segundo Brejeirinha, só tem besteira. Aqui, ela sintetiza a oposição entre a bobagem que as crianças dizem, que revelam coisas essenciais versus as coisas que a sociedade adulta diz sendo verdadeiras, que ocultam as bobagens. E nessa condição de criança poeta, Brejeirinha usa a linguagem inventando coisas que não foram ditas, investigando essa relação entre o som e o sentido delas e interessada na materialidade da palavra. O não estar e o não ser são coisas para ela:

“- A cachoeirinha é uma parede de água... Falou que aquela, ali no rio, em frente, era a Ilhazinha dos Jacarés. - Você já viu jacaré lá? – caçoava Pele. – ‘Não. Mas você também nunca viu o jacaré-não-estar-lá. Você vê é a ilha, só. Então, o jacaré pode estar ou não estar.”

A infância e a ingenuidade são traduzidas em poesia, quando Brejeirinha diz as coisas com uma extrema originalidade, que nenhum adulto tem coragem de dizer - grandes coisas com palavras pequenas. Ela usa as palavras como enfeites, inventando a história do “Aldaz” Navegante, mesclando personagens de seu convívio próximo, com histórias de aventuras que ela já ouviu em algum lugar. E se ela é o princípio da história, ela conta como bem entende, afirmando assim sua radical liberdade como contadora: acaba, inventa, muda e cria como quiser, sendo ela então a representação alegórica da arte em que “pão ou pães é questão de opiniões”.

Pele, a irmã mais velha, insatisfeita com o rumo da história que Brejeirinha criou, provoca a menina afirmando que o “Aldaz Navegante” era o estrume da vaca espalhado no chão.

Brejeirinha de forma muito esperta aproveita essa oportunidade pra assumir essa fala da irmã e começa a enfeitar o estrume Aldaz com flores.

Ou seja, aqui a menininha pega o que é considerado baixo, ínfimo, um material orgânico que passou pela barriga e outras partes da vaca e caiu no chão,

pra enfeitar com várias coisinhas típicas de uma menininha e joga o esterco no riacho, como se fosse o navio do audaz navegante levando uma mensagem de amor pra alguém que tá no mar ou para além do mar. Aqui, damos um sentido quase que, elevado, amoroso, lírico e épico para um monte de estrume que é transformado pela poesia. A imaginação poética é capaz de transformar o estrume numa coisa superior que é poesia. O artista é assim: transforma o que é material em algo sublime. Assim que a realidade se transforma e transcende o limite da matéria.

- “O chão ainda o amarrava de romper e partir”

É preciso abandonar o chão pra ir embora se elevando e se lançando na aventura. Mergulhar no rio do tempo, que é o fluxo da vida e das coisas que nos levará pra um lugar outro, desconhecido, cheio de possibilidades. Pois ao final, vendo o estrume correr pelo rio, que não era mais estrume e sim navio, ela afirma:

“Mamãe, agora eu sei, mais: que o ovo só se parece, mesmo, é com um espeto!”

“Pronto”... Essa é a palavra mágica da Brejeirinha. Com ela, a menina cria uma narrativa, transforma e leva a história pra onde quiser. É como se o Rosa, nesse conto, nos provocasse questionando a forma compartimentada de vivermos a realidade, que acabamos naturalizando. A função da arte, por meio da poesia, da sensibilidade do poeta e da criança, é nos salvar de mundo adulto, que adultera as coisas de forma dura e pragmática.

Não gosto de falar em infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada (Guimarães Rosa).⁴

Um viva à criação poética, que como as infâncias, se sobrepõe à realidade, subvertendo-a. E com esse olhar, voltamos ao sertão mineiro pra ouvir as crianças-poesias insurgirem.

4 LIMA, Sônia Maria Van Dick. (org.) Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa em 26 de maio de 1946. João Pessoa: Editora UFPB, 1997.



capítulo da sagaz infante: “É côquin memo, Uai?”

lirismo e alegorias de Maria Cecília “Miguilim”
– a brejeira menininha e seu côquin

“Muitas pessoas pequenas, em lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, podem mudar o mundo.”¹

“Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro”...² A cachoeira era o destino e o caminho até ela, labirinto de se perder pra se achar - um nó nas vistas. Quando chegamos, em frente se avistava a entrada da cachoeira e ao lado, atrás de um muro baixo, se apresenta um meio rostinho de olhos curiosos no querer ver brilhoso. - Olhar Miguilim, eu disse. Quase fui naquela hora, mas hesitei e fui pra cachoeira que era o destino dado. Eu nadava só um pouquinho e voltava ali pra ver melhor. Assim se fez.

Quando voltei, os olhinhos esperavam no mesmo lugar e ao me aproximar, tomavam forma de pertencer a uma menininha. Que alegria ver de perto! Logo veio uma senhora que cuidava do local nos orientando, a Dona Rosa. Dei um jeito de prestar atenção nas duas e fiz uma graça qualquer pra pequena curiosinha. As duas estavam ao lado de uma porteira e Dona Rosa, pra seguir prosa com

¹ Frase atribuída a Eduardo Galeano.

² ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág. 78

a gente, fecha a porteira e caminha em nossa direção. Imediatamente vejo a pequenina passar por entre as brechas de madeiras e não deixar Dona Rosa fechá-la, mesmo ela pedindo para que a menina ficasse pra dentro. A pequena fuga me fascina. Ela queria ver mais e melhor, pra fora também. Assim que o encantamento estava dado. “Achei!” - eu disse isso e fui ao encontro dela: a infância que eu queria viver.

Assim que ela viu que eu me aproximava, se sentou acocorada e com as mãos tateando o chão de terra começava a procurar “pedrinhas”. Dona Rosa nos apresenta:

- Essa é minha neta, Maria Cecília.

Me abaixo e agora, na mesma altura, vejo que ela escolhe as que vai guardar. Olho intrigada e Dona Rosa me diz:

“Ela adora pegar coquinhos pra gente abrir pra ela comer”.

Foto: Tatiana Bittar



Achei aquilo um máximo. Não eram pedrinhas, mas ela escolhia e voltava as vistas à mim.

Me levanto e vou falar com Dona Rosa explicando meu trabalho de pesquisa e perguntando se eu podia voltar outro dia pra passar uma tarde com ela. A vó aceitou e disse que seria muito bom pra netinha. Sorri! Depois dessa licença pedida, me abaixo e faço o convite à Maria Cecília. Perguntei se poderia voltar pra gente passar um dia juntas brincando. Ela assentiu com a cabeça! Então me alegro mais dela gostar da ideia e digo:

- Que bom! Então está combinado.

E ouço a voz dela pela primeira vez:

- “Combinado!”

Trato feito, parto com a promessa de voltar. O alaranjado do céu que eu via quando saí de lá no final da tarde corava tudo. Eu estava feliz.

O segundo encontro se deu dois dias depois, no mesmo lugar. Maria Cecília veio nos receber na porta. Arrumada, com um lacinho na cabeça, pronta pra receber visita. Achei linda! Alegria se dava nas duas. Assim que fomos brincar. Fomos aos fundos da casa e nos sentamos no chão de uma areia bem fininha. Itamar, meu companheiro nessa aventura, levou sua câmera e antes da gente começar a brincar, expliquei pra ela que ele tava ali pra tirar fotos. Perguntei se estava tudo bem e caso ela não quisesse, a gente não faria. Pois ela concordou e seguimos pra brincar. Acocorada, usava as mãos como pás, escavando pequenos morrinhos e deixando escorrer por entre os dedos uma chavinha de areia. Ela se movia assim, repetindo esses movimentos algumas vezes. Parecia uma reverência, um ritual bonito. Enquanto se movia, me levava junto com sua intensa capacidade simbólica de começar e recomeçar, através das sensações físicas que a conectavam inteira no chão de terra.



Foto:Itamar Dantas

Em seguida, sua vó nos conta que logo menos seria aniversário de Maria Cecília e prontamente ela se levanta pra anunciar com os dedos e a pose, que chegará em breve seu terceiro ano de idade. O orgulho dela, todinho, já pertencida e tingida de terra.



Foto: Itamar Dantas

Voltamos ao chão - esse imenso mapa de possibilidades. Com um balde, algumas embalagens de plástico e uns talheres, Maria Cecília começa sua própria construção, inspirada na construção e na reforma que ela via acontecer ali mesmo. Nesse momento ela diz:

“Eu tô ajudando a construir a casa da vovó”.



Foto: Itamar Dantas

Pergunto se posso ajudar então ela me empresta uma pá. Começo a juntar terra pra ela colocar no balde. Atenta e minuciosa, ela começa a construindo as paredes da casa vó, desmancha e a reconstrói em um fazer contínuo. Sentia que ali era seu jeito de desenvolver uma confiança em seus próprios processos a partir da repetição. Em um dado momento, ela pede pra que eu pegue a areia com as mãos e eu junto formando uma concha. Nesse momento de forma cuidadosa, ela separa a areia fina das pedrinhas e começa a encher cada um dos potinhos que tinha.

Tinha um tempo poético respeitado enquanto ela despejava a areia no pote. Os tempos outros e no tempo dela, tava feito. Levantou pra ver sua construção e se satisfez com o resultado. Começou a aplaudir e comemorar sua obra. Que inspirador. Ela formava suas



Foto: Itamar Dantas

artes e a celebrava, finalizando o seu processo ali. Observo seu brincar em puro movimento, onde seu corpo cria um diálogo com o mundo, de dentro pra fora e de fora pra dentro. E nesse fluxo, com seu ritmo próprio, uma sinfonia acontece.

Seguimos no chão. A partir de agora, Maria Cecília usa esse espaço pra contar uma história. Sua fala não era distante de seu corpo e como está aprendendo a linguagem, o que se ouvira era pura poesia. Estar por conta dela a fazia protagonista, reconhecida por sua voz, seus sonhos, histórias, saberes e dores. A história era de um lobo que andava rondando os arredores do sítio e até já tinha comido umas galinhas, atacado os cachorros e atizado os cavalos. Nessa hora, eu me espantava dizendo dos perigos e ela concordava:

“- É perigo memo, uai?”.

Assim que o espaço, apesar de vasto, por conta do lobo se criavam uns limites. Então a gente não podia ir muito longe. Eu agradei a história e prometi que ficaríamos por ali. Nesse momento ela me convida a passar pelas áreas que estavam seguras. Assim que fomos...

Maria Cecília me leva pra frente da casa e começa a desbravar esse outro chão mais dificultoso, com pedras maiores. Vai me guiando com seus passos leves, enquanto eu olho pra baixo pra não escorregar. Ela mira o caminho determinada, escolhe uma pedra maior e me entrega. Depois vai atrás de um coqui-

nho e me leva até uma raiz de árvore que formava uma estrutura dura no chão. Assim ela começa a me mostrar como quebrar o coquinho. Pede pra eu bater firme, mas como era primeira que eu fazia isso, aquela madeira não servia de base e eu não sabia o quanto tinha de bater e quanta força fazer. Ela entendeu que eu não era capaz, mas insistiu em mim. Pede pra eu acompanhá-la pra frente da casa e abriu a porteira. Assim, determinada, se abaixou e começou a escolher vários coquinhos. Me mostrava que ali na frente tinha uma estrutura de concreto maior e mais forte que facilitaria na hora de eu me apoiar para bater os coquinhos. E não é que deu certo? Depois de algumas tentativas frustradas, eu consegui quebrar. Ela ficava de longe, me observando, sem colocar pressão. Assim que eu abri o primeiro coquinho, fiquei feliz com a conquista. E quando mostro pra ela, exclamo:



Foto: Itamar Dantas

“- Maria Cecília, quebrei o coquinho!”.

Ela vem séria na minha frente e me corrige:

“-É côquin!”.



Pois bem, depois da correção ela confere se o “côquin” tá bom e começa a comer. E como eu eu aprendi a quebrar, facilitei muito as coisas pra ela, virando uma linha de produção de quebra coquins. E assim eu vi uma garotinha convicta de seus saberes, construindo sua autonomia. E enquanto me ensinava ela ia criando o seu “eu”. Brejeira Sagaz essa infante!

Seguimos rumo brincando com as porteiras. Por entre as brechas ela começa me contar histórias da porta pra fora. Conta de seu irmão e pessoas queridas que ela conhece e que não estavam ali naquele momento. A simbologia do chegar e partir tão constante da vida. Exploramos os cantos e as vistas que davam. Da porta pra fora tem um mundo todo, né? A gente espia, adivinha, imagina e uma hora a gente até vai. Mas com Maria Cecilia, aprendi que enquanto a gente espera as chegadas e partidas nas porteiras da vida, a gente escolhe

como. E ela escolheu fazer a dela explorando a barreira, balançando e brincando com esses limites.

Depois disso, Maria Cecília me leva de volta ao fundo da casa onde tínhamos começado as nossas brincadeiras. E no mes-

mo chão-construção ela monta sua festinha de aniversário pra gente poder cantar parabéns. Fizemos um bolo de terra. Como não estaríamos no dia, ela quis adiantar esse momento pra que pudéssemos celebrar juntos.



Foto: Itamar Dantas

E depois do festejo era hora de contemplação. Maria Cecília começa a deitar no chão, cruzando suas mãozinhas ao redor da cabeça. Ela olha para o céu, como se tivesse olhando as estrelas. Deito ao seu lado e entendo tudo. Não eram as estrelas, era a terra dela inteira. O chão ela, ela tudo. Os sentidos melhorados. Ela mestra em tudo isso – saboreando.



Foto: Itamar

Passou um tempo e eu me distraí numa conversa com Dona Rosa. Ouço nos fundos da casa um barulho de quebrar alguma coisa. Quando vejo, Maria Cecília, a garota de quase três anos estava lá, quebrando “coquins”. Ela sabia, tinha força sim. Se um adulto não pudesse, ela dava conta e pasmem: ela fez.



Foto: Itamar Dantas

Olho deslumbrada o tamanho da pedra que ela escolheu: bem maior da que tinha escolhido pra mim. E lá foi ela, corajosa, quebrar seus “coquins”, apenas se lamentando quando ele tava estragado. “Aaaaaaah, não presta!”. E assim seguiu e agora eu, sento ao seu lado apenas a admirando. Ela é imensa!

Eis que ela me dá um presente, como se já não tivesse dado tantos. Depois de bater em tantos coquinhos, o sol vai entardecendo quase igual aquele do primeiro dia que a gente se viu. Nosso combinado era de passar à tarde juntas e ela sabia que chegava a hora de eu ir embora. Então, ela começa a recolher as casquinhas dos coquins, olha pra



Foto: Itamar Dantas

minha jardineira, repara no bolso da frente e vai colocando uma por uma ali, pra eu guardar. Era um jeitinho de chegar perto de mim e assim que ela colocava, virava de costas e sentava na minha frente pra gente poder se abraçar. Assim que ela recolhia vagarosa cada casquinha, pra repetir muitas vezes o mesmo

abraço.

Nos despedimos de até breve e eu prometi celebrar nosso encontro, contando o nosso conto! Que ele honre a confiança dela e de Dona Rosa que me acolheram e me ensinaram tanto. As duas tem sorte de ter uma à outra.

Jamais senti que Maria Cecília fosse uma folha em branco escrita por mim, então me preocupo em não resumir sua imensidão de possibilidades. Sua infância é uma dimensão simbólica da vida.

Quando aterra suas mãos no chão, sinto sua busca de se entranhar no mundo com suas muitas dimensões. É essa força imaginária que conduz Maria Cecília a conhecer as experiências mais estruturantes da vida e estão todas ali, na natureza. Nessa brincadeira ela buscou sua inteireza e a concretude da vida, a partir da compreensão que teve dos materiais que ela usou e tudo isso, manifestado no seu fazer. Esses momentos deram a ela uma intimidade com o espaço que ela pertence e esse ato a permite criar uma memória afetiva e uma forma segura de se reconhecer e se aninhar no mundo.

E essas descobertas na terra dão a ela a possibilidade de conhecer os fundamentos de todas as coisas. Os objetos e recursos naturais que ela usa são carregados significados do lugar onde e eles se encontram. Então é a Cultura de um lugar através do tempo. O contato com o material e a experiência daquilo que ela vai construindo vai abrindo novos caminhos pra Maria Cecília.

Maria Cecília renovou em mim a sensação de fazermos parte da natureza e me estimulou a contar essa história pensando no direito de toda criança ter seu corpo presente, em contato com a terra. Foi brincando que vivi com ela essa fundição, revelada através de suas experiências e investigações.

Assim foi, assim eu disse “memo, uai?”... Essas são as palavras mágicas da Maria Cecília. Com ela, a menina afirma e reafirma suas próprias histórias e também as leva pra onde quiser. Maria Cecília não saiu de um conto de Rosa, mas é a menina brejeira, neta de Dona Rosa. As muitas coincidências de um fato e uma ficção que se deu naquele dia de Maio em Cordisburgo, a Cidade-Coração. Um Viva imenso à ela, a menina que me deu corpo e chão!



**Pra concluir as coisas
que a gente sabia,
mas cresceu**

esquecendo...



Tudo foi uma brincadeira? Sim, muito! Joguei com as palavras pra representar as minhas paisagens de mundo. Com as crianças, aprendi que o fazer de novo e o fazer de conta recria universos e nos dá possibilidades e dimensões em uma perspectiva sensível, criativa e infinita.

Que os aprendizados e brincadeiras de Maria Cecília e tantas outras crianças na paisagem do Cerrado, que há tempos está em processo de devastação, sejam preservadas, pois não é só o brincar delas que está em perigo: é o próprio habitat desse viver que tá indo embora. Ou seja: o futuro das crianças se revela na urgência do presente. E nesse contexto precisamos atualizar nosso modo de pensar a infância, entendendo que elas também são sujeitos participantes da construção da nossa sociedade e isso precisa ser reconhecido e compreendido por todos nós, adultos, que governamos o mundo que será delas.

Nesse brincar crianças internalizam saberes, compreendem papéis sociais, valores éticos, estéticos, políticos e ao observar essas relações com esse mundo físico e lúdico, pude entender que são nesses momentos que elas nos oferecem

pistas valiosas para a construção de projetos mais sensíveis a esse tempo tão precioso da vida.

Isso é uma coisa que o Rosa me ensinou, enquanto eu lia e via o seus cenários existentes: essa maneira e sensibilidade de olhar pra esse lugar Sertão. Essa janela que ele constrói em cada um de seus cantos e histórias. São essas visadas sobre a cultura brasileira, ou seja: a maneira de viver no seu lugar. Os tantos registros feitos nesse território tem a importância de estimular e valorizar esses ricos conhecimentos, destrezas, saberes e enfrentamento corpo a corpo com o mundo.

E não tem como acelerar esse corpo em outro tempo que reconheço a partir do convívio com essas infâncias. Um corpo experiencial: a matéria viva absolutamente conectada com o dentro e fora. Será esse o corpo de um pesquisador? Alguém que vê com o corpo inteiro tirando a supremacia do olhar. Nesse intercâmbio, as histórias, vivências e experiências transformavam o cotidiano, clareando as ideias, para de alguma forma entender o contexto local a partir de um cenário que se apresenta por trás da paisagem. E a realidade de

hoje exige de nós mergulhar e conhecer profundamente os nossos territórios.

Promover uma infância mais rica, pensando nos recursos naturais dos territórios tem se tornado cada vez mais urgente. Precisamos garantir isso a elas frente à crise socioambiental que vivemos. A liberdade de experimentar a terra e as conexões genuínas entre a criança e natureza são capazes de revolucionar o futuro. Mas qual será a natureza das crianças? Por que lente elas enxergam o mundo? Suas experiências mediadas por múltiplas linguagens têm no brincar uma forma de aprender e escrever o lugar de cada uma delas na história e na cultura.

A criança precisa dos olhares, das escutas, dos espaços e dos seus direitos. Enquanto humanidade, temos agido de forma extremamente predatória. Não estamos cuidando dos nossos ninhos e na mesma proporção que a crise se agravava, crianças nascem e seus espaços existem. Enquanto gente grande, temos um compromisso com essas futuras gerações e com as gerações anteriores quanto as suas sabedorias.

A escuta também é dizer alguma coisa, saindo de si. E essa abertura ao mundo do outro precisou vir em mim através de um processo contínuo de descolonização do olhar adulto, que acaba enxergando muitas vezes esse lugar da infância, como um espaço de falta e incompletude que anula completamente a individualidade e a potência do quem de cada uma delas. E se relacionar com essas crianças a partir dessa perspectiva do que ela ainda não alcançou é perder a oportunidade valiosa de perceber quem ela já é e o que ela já faz. Esse estado de atenção e de curiosidade que se abre para aquilo que eu não sei, que nasceu desse encontro e desse vínculo, é um dos nossos grandes desafios. E esse pensamento se amplia para a forma como estabelecemos a relação com todos os outros: nós, pertencentes de uma determinada cultura e esse olhar para o outro que carrega a novidade. Como fazemos esse encontro?

Em certo momento dessa pesquisa, conflitei entre o processo de escuta e observação versus o tempo da escrita: o que eu imaginava e o que era. Para onde eu queria chegar? Não quero ter pressa de chegar às conclusões. Será que elas são mesmo importantes? Acho que minha vontade aqui é dizer que estou com vontade de abrir reticências e etcéteras e não pontos finais... Reconheço

meus limites e reforço que o encontro com esse outro e a minha presença é o que levo desse processo. Aquilo que eu vi também partiu do lugar onde eu me encontrava. Portanto, para que a gente consiga mudar nosso ponto de vista, deveríamos mudar de perspectiva para compreender outras realidades. Fiz esse recorte justamente por ser o que o meu olhar alcançou e não necessariamente por isso ser a verdade absoluta. Entendo que existem várias formas de compreensão da humanidade e suas realidades, mas se somos sentidos, emoções, corpos, socializações e afetos - tudo isso se relacionando é o que nos constitui e também constitui o outro. Então esse encontro é a grande sacada de um mundo possível. A partir dele percebi que sempre há o que saber, descobrir e narrar, com novos detalhes e novas possibilidades.

Para elaborar esse caminho, apresento os meus escritos e registros, através da arte da escuta, com seu processo de revelação contínua, que transcendem os limites que o senso comum e a ordem nos impõem. Meu exercício aqui foi escrever a partir do meu próprio sertão que é esse não saber que me impulsiona e me lança na busca por mais questionamentos. Tudo que escrevi aqui veio através da recordação de uma jornada vivida entre tudo o que li, todos os que vieram antes

de mim e o meu próprio caminho. Quando eu lembro, vejo a história vivida, mas essa memória também me faz ascender e voltar pra aquele lugar infinitas vezes, misturando os fatos vividos e a ficção criada a partir da realidade. Olhares complementares que me levaram pra infância para conseguir escrever sobre ela. Então, sinto que devemos manter esse diálogo permanente como um jogo de quebra cabeça, buscando em vários campos a composição ideal pra chegarmos a algum lugar.

Em uma aula com a escritora e educadora Ângela Castelo Branco ouvi que é possível que a literatura não seja capaz de aplacar a dor do mundo, pois as dores podem ser muito maiores. Mas é bem possível que exista um livro capaz de abrir uma via de acesso e despertar algo em algum ser humano. Voltemos infinitas vezes aos livros. Sejamos eles também.

Em Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa bota nas mãos de seu personagem ilustre, Riobaldo, no fundo do sertão, a responsabilidade em ajudar uma criança a saltar pra dentro da vida:

Minha Senhora Dona: um menino nasceu - o mundo tornou a começar!...? - e sai para as luas.¹

O milagre do recomeço do mundo acontece todas as vezes que, vencendo tantas forças contrárias, a vida sobrevive. Desejo que o luar de um sertão nos transforme, fazendo com que nós, endurecidos pelas cruezas, nos tornemos prontos para acolher nos braços, as crianças-começos e suas reinvenções do mundo. E se prestarmos atenção no começo dessas histórias mudamos elas todas pra melhor, com um projeto de futuro para elas, pois as inúmeras formas que uma criança quando nasce se vale para interpelar o mundo e chegar ao outro é revolucionário e faz com que elas sigam seus desejos e potências na aventura e desventura da vida.

Viva Guimarães Rosa, que valorizou a criança em sua arte, como se elas tivessem antenas que captasses as vistas, os sentidos, as intuições e as falas que os adultos deixam de elaborar.

Viva autores e pesquisadores que descobrem, se encantam e se sentem interpelados por aquilo que conseguem reconhecer desse outro se tornando exploradores, entusiastas e encorajadores de mundos possíveis.

Brasinha Canoeiro Mestre, que conheci nessa viagem, me faz um pedido quando o visitei: Ele gostaria que eu perguntasse para as crianças onde fica o Sertão? Perguntei pra Maria Cecília, que me respondeu rapidamente, apontando para uma antena parabólica...

É, Rosa, o Sertão está mesmo em toda parte e as crianças já entenderam tudo. Caminhemos então lado a lado com elas, pra acordar os caminhos, pisando esse chão das infâncias que nos alfabetizam.



Foto: Itamar Dantas

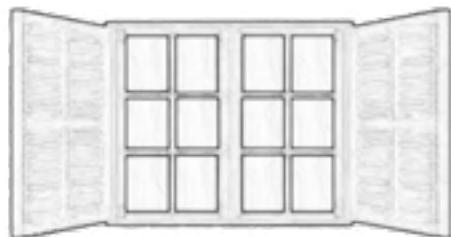
Foto: Itamar Dantas



“Faz teu caminho de bem e se lembra
Que o mundo mais lindo só tem em pedra pequenina”

Música: Tempo Velho (Douglas Germano)

quem me abre janelas,
me guia e está em toda
parte



1. ROMEU, Gabriela. Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninas e meninos do sertão. São Paulo, Peirópolis, 2016
2. ROMEU, Gabriela. Álbum de Família: Aventuranças, memórias e fabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos. São Paulo, Peirópolis, 2019
3. ROMEU, Gabriela. Lá no meu quintal... o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul. São Paulo, Peirópolis, 2019
4. FRIEDMANN, Adriana. A vez e a voz das crianças. São Paulo, Panda Books, 2020
5. MARIA, Selma. Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos. São Paulo, Peirópolis, 2009
6. RESENDE, Vânia Maria. O Menino na Literatura Brasileira. São Paulo, Perspectiva, 1988
7. ROSA, João Guimarães. A Boiada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2011

8. FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. 51a Ed. São Paulo. Global, 2006.
9. RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 3ª Edição. São Paulo, 2015
10. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 27ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2014
11. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019
12. JUNIOR, Itamar Vieira. Torto Arado. 1ª Edição. São Paulo, Todavia, 2019
13. SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. 6ª Edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2020
14. SIMAS, Luiz Antonio. Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2019
15. TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira. Porto Alegre, Zouk, 2018
16. PIORSKY, Gandhi. Brinquedos do chão a natureza, o imaginário e o brincar. 1ª Edição. São Paulo, Editora Peirópolis, 2016.

CITAÇÕES NO LIVRO:

1. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Capítulo para Acordar Gente Grande.

1. SCHWARCZ, Lilia. Nexo Jornal, De Canudos ao caso Lázaro: o espetáculo da morte no Brasil – 05/07/21 - <https://bit.ly/3DSOxKH>
2. ADICHIE, Chimamanda Ngozi . TED Global 2019 - <https://bit.ly/2WWKD2U>
3. KRENAK, Ailton. 2º Congresso LIV Virtual - <https://bit.ly/3jlfQiW>
4. LE BRETON, David. Antropologia dos Sentidos. Petrópolis, Vozes, 2016 Pág. 32
5. ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim: Corpo de Baile. 12ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016
6. DE BARROS, Manuel. Livro sobre nada. Rio de Janeiro, Record. 1998. Pag. 47
7. BACHELARD, Gaston. A Poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Pag.119

Capítulo de cá e de lá, que tudo é sertão

1. ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.29
2. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. 36º Panorama da Arte Brasileira – Texto do professor Escavando o oco do sentido ou o que significa ser-tão? <https://bit.ly/3yT2SU0>
3. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz - A invenção do nordeste e outras artes, 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2009.
4. DA CUNHA, Euclides. Os Sertões. Cotia, Atelier Editorial, 2009
5. ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.21
6. ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.53

Capítulo da Travessia pra virar Miguilim.

1. ROSA, João Guimarães. Discurso de posse da ABL em 19 de novembro de 1967
2. ROSA, João Guimarães. Manuelzão e Miguilim: Corpo de Baile. 12ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016
3. ROSA, João Guimarães. Recado do Morro: Corpo de Baile. 12ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016
4. DE BARROS, Manuel. Poema As lições de R.Q
5. ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 22ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Pág.107
6. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.
7. ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Os Cismos. 15ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001. Pág. 229

Capítulo da “Aldaz” Navegante - palavra inventada e “Pronto!”.

1. Drummond, Carlos de Andrade. Consideração do Poema
2. Kohan, Walter. Infância entre educação e filosofia, São Paulo, Autentica, 2007.
3. ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Partida do Audaz Navegante. 15ª Edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001. Pág. 166
4. LIMA, Sônia Maria Van Dick. (org.) Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa em 26 de maio de 1946. João Pessoa: Editora UFPB, 1997.



